

# NOITE DE NATAL

Com os reluzentes e brilhantes olhos a faiscar na noite escura, o cão percorreu demoradamente com o olhar tudo á sua volta, e depois de certificado que nenhum adversário rondava perto, dirigiu-se apressado a um sujo caizote de lixo, certamente ali esquecido por alguma dona de casa.

Com uma extraordinária agilida-

de, levantou rápido, com as patas, a tampa. Olhou novamente em redor, meteu dentro o focinho, e remezendo o conteúdo procurou ávido qualquer ressequido e velho osso para roer.

Assobiei-lhe.

Retirando rapidamente a cabeça, ficou nos meus os seus olhos brilhantes, examinou-me atentamente, e passado um momento, sem se importar comigo mais, recomeçou a pesquisa.

Devagarinho, aproximei-me dele. Acariciei-lhe o esquelético lombo amarelo-acastanhado, e a minha mão tremeu ao passar sobre os pungentes ossos, mesmo á flor da pele.

Olhou-me assustado, e abriu muito aqueles tristes olhos negros, onde parecia haver lágrimas. Com as pontas dos dedos, afoguei-lhe a cabeça.

De subito, golpeando a taciturnidade da rua, uma voz fina de criança, do outro lado do passeio gritou:

— É muito bonito! Chama-se «Pachorrentos».

Virei-me, e vi diante de mim, de pés descalços e esfarrapados calções, um garotito de compridos cabelos loiros, descuidadamente caídos para a testa, cara salpicada de numerosas sardas, e grandes olhos cinzentos-claros quase azulados. Ao ombro, um enorme sacco de jornais desproporcionadamente grande para o seu tamanho.

Já feito do susto, falei-lhe:

— Anda cá. Como disseste tu que se chamava ele?

— «Pachorrentos» Chama-se «Pachorrentos».

— Ah! É tu?

— Por aqui chamam-me Porfirito...

— É teu o «Pachorrentos»?

— Não!... Não tem dono. Anda por aí...

Fazia um frio horrível, e começara a cair há pouco uma chuva miudinha, muito miudinha, quase imperceptível.

Inesperadamente, o petiz agarando e puzando-me com força uma das mãos, disse-me:

— Venha cá... quer ver?

Segui-o. Um velho passou por

nós e deu-nos entredentes as boas-noites.

— Boas-noites, ti Zé Sarmento!

— gritou o pequeno.

Continuámos.

Rociadas pela plácida chuva que continuava descendo sobre a cidade, as enludadas pedras da calçada resplandeciam.

Atrevi-me a perguntar:

— noite deu uma igual á minha irmã. Igualzinha!

Pausa.

Pousou o olhar no meu nó da gravata e prosseguiu:

— Eu cá acho-a feia!... Mas só queria que visse ontem a minha irmã. Nunca na minha vida a vi tão contente!

Pausa.

Limpou pela segunda vez o vidro da montra, e com os olhos regando alegria:

— A esta hora está ela a dormir com a boneca debaixo do braço...

Com cautela, sem o pequeno dar por isso, vascolhei demoradamente todos os meus bolsos, na esperança de encontrar qualquer perdida ou esquecida moeda. Retirei

gosto mais, mas a minha irmã teima que a mais bonita é esta logo aqui ao principio... esta aqui... a segunda a contar do lado de cá... está a ver?

— Ah! A do avental amarelo?

— Pois!

— Também é bonita...

— Lá bonita também é, mas cá para mim a outra ainda é mais!

Com a mão, limpou á frente da sua carita o vidro da montra já embaciado, e continuou num tom mais baixo, ao mesmo tempo que apontava com um dedo para uma pequenina boneca de trapos, na qual os olhos, o nariz, e a boca, eram simples traços negros mal desenhados.

— O senhor está a ver aquela boneca ali ao cantinho, não está?

Pois... pois a nossa mãe ontem á

finalmente uma (a única certamente).

Era uma moeda de vinte e cinco tostões.

— Olha... toma!

Coloquei a moeda na magrita mão do ganapo. Inconscientemente, aproximou-a um pouco ao vidro da montra, fazendo-a cintilar qual pirilampo.

A chuva amainara um pouco.

— Já... eu... já não tenho jornais...

— Não quero nenhum jornal. É para ti!

— Pra mim?! — olhou-me surpreendido — Pra mim?!

Sorri-lhe.

A sua pequenina boca abriu-se de repelão num enorme sorriso, olhou a moeda, e alegre, louco, desvairado, largou a correr pela rua.

por PEDRO FOYOS (14 anos)

os pés chapinhando na água, e enorme sacco de jornais quase arrastando o chão, e os loiros cabelos bailando festivamente na cabeça.

Porfirito! Eh! Porfirito! Porfirito!

Nada!

— Porfirito!...

Louco de alegria, lá ia ele correndo, voando, afundando-se lentamente na escuridão da rua, e agitando violentamente no ar, a mão que continha a moeda.....

..... uma enregelada mão de uma pobre criança, apertando com força vinte e cinco tostões de felicidade.

As lágrimas corriam-me.

AMIGO 1649

noite deu uma igual á minha irmã. Igualzinha!

Pausa.

Pousou o olhar no meu nó da gravata e prosseguiu:

— Eu cá acho-a feia!... Mas só queria que visse ontem a minha irmã. Nunca na minha vida a vi tão contente!

Pausa.

Limpou pela segunda vez o vidro da montra, e com os olhos regando alegria:

— A esta hora está ela a dormir com a boneca debaixo do braço...

Com cautela, sem o pequeno dar por isso, vascolhei demoradamente todos os meus bolsos, na esperança de encontrar qualquer perdida ou esquecida moeda. Retirei

## DIÁRIO DE BORDO

Amigo 1828 — Laurinda Ferreira Canavilhas (Amadora): O teu numero é este e não o que indicavas. Tens um prémio a levantar.

Amigo 1890 — António Manuel Nunes Henriques (Lisboa): Manda a idade, para que possamos completar a ficha.

Amigo 1891 — José Faisca Teixeira (Faro): A assinatura está feita. Manda dizer se recebeste o jornal, sim. Não é preciso dactilografar os trabalhos especiais. Os que se destinam a publicação, se a letra for ilegível, é que sim, devem vir passados á máquina.

Amigo 1886 — Maria Vitória Barbosa Sequeira (Vendas Novas): A morada que mandas é suficiente? Não precisa de indicação de rua?

Amigo 1878 — Maria Augusta inscrita com este numero que deve sempre indicar em toda a correspondência.

Seixas (Lisboa): Nada mais; estás Amigo Numa Pompílio: As indicações são poucas, para podermos completar a ficha.

Amigo Francisco Germano Passeiro (Lisboa): Manda a morada, sim?

Amigo Alfredo Nunes Vitorino (Lisboa): Manda a idade, sem o que não poderás ser inscrito no nosso ficheiro.

Vosso amigo ao dispor TROTE

Recomendamos aos nossos leitores as TRÊS grandes colecções editadas por ESTUDIOS COR

**LATITUDE**  
romances e novelas

**DESTINOS**  
biografias

**OS GRANDES CLASSICOS**  
as obras-primas do romance de todos os tempos

Nelas encontrarão o maior encanto espiritual e novas bases para o alargamento da sua cultura

## Soluções do Concurso do Juvenil

**SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO NUMERO ANTERIOR**  
Gigantes de Portugal: VIANA DA MOTA.  
Qual é a coisa, qual é ela? — A LÂMPADA.

**VENCEDORES**

1. — Amigo 2 — Maria Manuela Dias (Lisboa).
2. — Amigo 1863 — Maria Eloisa Ferreira (Lisboa).
3. — Amigo 1522 — Maria Teresa Proença (Queluz).
4. — Amigo 1888 — Alcides José Tabora (Lisboa).
5. — Amigo 1878 — Rosa Ferreira Lopes Coelho (Parede).
6. — Amigo 1882 — Maria Adelaide Januário (Aveiras de Cima).
7. — Amigo 1884 — Ana Maria Correia Prata (Lisboa).
8. — Amigo 1528 — Julio Maggionli Novais (Lisboa).
9. — Amigo 1887 — Maria Auzenda Mendonça (Porto).
10. — Amigo 1883 — Jaime Pereira da Silva (Caldas da Rainha).
11. — Amigo 1492 — António Manuel Simões Coutinho (Porto).
12. — Amigo 1560 — Maria Manuela Barroso Lopes (Queluz).

**PRÉMIOS**

1. — «CASAMENTO EM FLORENÇA», colecç. Miniatura, de LIVROS DO BRASIL, LDA.
2. — «A LENDA DE MADALA GREY», da colecç. Miniatura, de LIVROS DO BRASIL, LDA.
- 3 a 7. — «O VELHO E O MAR», da colecç. Miniatura, de LIVROS DO BRASIL, LDA.
8. — «BEIJO NO LEPROSO», da colecç. Miniatura de LIVROS DO BRASIL, LDA.
9. — «BEIJO NO LEPROSO», colecç. Miniatura, LIVROS DO BRASIL, LDA.
10. — «PONTO VERMELHO», colecç. Miniatura, Livros do Brasil, Ld..
11. — «CLAMOR NA SOLIDÃO», da colecç. Miniatura, LIVROS DO BRASIL, LDA.
12. — «ULTIMA ALDEIA», da colecç. Miniatura, de LIVROS DO BRASIL, LDA.

Prémio para o melhor trabalho sobre VIANA DA MOTA.

13. — Amigo 1829 — Fernando Ribeiro Fernandes (Lisboa).
13. — «PUREZA», de José Lins do Rego.
- «BEIJO AO LEPROSO», da colecç. Miniatura, ambos dois belos livros de LIVROS DO BRASIL, LDA.

NOTA: Os prémios podem ser levantados na Av. de Roma, 78-2.º-dir.º, em Lisboa, na semana seguinte ao da sua publicação. Os premiados devem munir-se da respectiva identificação (ou mandar alguém com o seu cartão de identidade). Os prémios até o Juvenil 145 estão á espera de ser levantados. Pedimos aos Amigos premiados o favor de os vir ou mandar buscar.

# CONVERSA DA SEMANA

(Continuação da página anterior)

durecimento do que escreves. Com a matéria que tinhas á mão poderias ter realizado uma reportagem cheia de graça. Contentaste-te com uma prosa desmazelada, sem pontuação suficiente, «o que saiu á primeira». Vê:

«Ela além de admirar tudo o que via, ainda achava tempo de nos perguntar ao cocheiro como é que os pobres animais aguentavam aquela subida com tão grande carga».

Não ficaria melhor uma coisa neste género:

«Além de admirar tudo o que via, ela ainda achava tempo para, através de nós, perguntar ao cocheiro, etc.»

Mas publicaremos a reportagem.

Amigo n.º 735 — Joaquim Leitão da Silva (17 anos): «O Riso e o Sorriso» é uma verdadeira revelação. Quem possui as qualidades aqui manifestadas deve ser profundamente exigente consigo. Repito mais uma vez: é preciso lutar contra o demónio da «facilidade». O teu conto, que publicaremos no dia 27, é muito bom pelo simples facto de seres dotado; mas ficaste, como diz o nosso povo, «pelo que a cepa deu». Em todo o caso, felicito-te. Continua. Trabalha muito. Lê muito os grandes artistas modernos.

Amigo n.º 1735 — Ana Maria Barradas (15 anos): «Infelicidade» tem um fundo muito justo. Será publicado. Só não parece que seja remédio para a morbidez («pensar-se o menos possível em nós próprios»). A tua solução equivaleria a uma fuga. Pensemos em nós, mas educando a vontade, mas introduzindo no nosso espirito o equilibrio intelectual, a certeza de que saberemos desanimos e paixões, não nos deixando arrastar por eles.

Amigo n.º 1409 — Alcídia Maria Ribeiro (18 anos): Publicaremos a tua poesia. Mas, repara, amiga, a vida não é um «ente»; é, sem querer, uma «força». Assim:

Sabes o que é a Vida,  
Essa força que grita,  
Fremente e palpita  
Dentro de nós?

Amigo n.º 1848 — José Eduardo Pires Franco (17 anos): «Desamparado no Mundo» é demasiado melodramático. Deves procurar não intervir na narrativa. Deixa que os acontecimentos falem por si. Publicaremos o teu conto, pois o estímulo dar-te-á, estamos certos, força para fazer melhor.

Amigo n.º 1837 — Nelson Morgado da Silva: «Lenda» é uma narrativa com interesse, escrita com frescura. Mas tal como sucede com «A Ambição», nota-se aquela falta de exigências, aquela auto-crítica a que sempre nos temos referido. Serão publicadas.

Amigo n.º 1580 — Maria da Piedade Gaudarez (20 anos): Continuas a afirmar-te. Vê-se que não te fias apenas nas tuas excelentes qualidades. Trabalhas. Meditas o que queres dizer. Publicaremos as tuas poesias. E essa saúde?

Amigo n.º 963 — Alice Vassallo Pereira (16 anos): O teu pequeno artigo «Madrugada» possui qualidades literárias, mas é demasiado pessimista. Porque há-de o poeta ter a mão amélica? Porque há-de odiar a vida? Manda trabalhos mais saudáveis. Tens condições; és jovem; porque criar símbolos negativos?

Amigo n.º 1539 — Heitor Ferreira da Silva (18 anos): Publicamos hoje mesmo a tua entrevista.

Amigo n.º 610 — Marília Mendes Silva (19 anos): «Tarde Demais» será publicada. Mas porquê «tarde demais» aos 19 anos?

Amigo n.º 1682 — Frederico Nunes Abel (19 anos): Publicaremos a tua novela «Encontro no espaço».

Amigo n.º 1805 — Fernando Correia: «Carta ao Repórter Perdido», tem ideias muito justas. Poderás lê-la num dos próximos numeros.

Amigo n.º 1172 — Maria José de Lancastre (13 anos): O poema «Ao Soldado Desconhecido», confirma as qualidades que já sobejamente demonstraste. Continua. Lê poetas modernos. Vais ver a tua poesia no «Juvenil».

Amigo n.º 1281 — Maria Teresa de Sá Cardoso (20 anos): Gostámos francamente da poesia «A menina romântica», que vamos publicar.

Em virtude das férias de Carnaval, «A Conversa da Semana» ficará reduzida aos comentários já impressos que não couberam nos numeros anteriores. O «Juvenil» que estão hoje a ler teve de ser inteiramente redigido no sexta-feira, dia 27, antes, portanto, de recebermos o habitual correio.